Geração Streaming:

Novas Formas de Comunicação

Jacks Andrade
Karollinne Levy
Patrícia Teixeira
Paulo Giraldi
Roberta Scheibe
(Orgs.)

EDITORA
EMERITVS

COPYRIGHT © EDITORA EMERITUS
COPYRIGHT DO TEXTO © 2021 OS AUTORES E AS AUTORAS
COPYRIGHT DA EDIÇÃO © 2021 EDITORA EMERITUS

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional.

Os direitos desta obra foram cedidos à Editora Emeritus. O conteúdo e a confiabilidade das informações de todos os textos e imagens são de responsabilidade dos autores e autoras dos artigos. A Licença Creative Commons utilizada nesta publicação permite que o leitor utilize, distribua, adapte e crie outros trabalhos, mesmo para fins comerciais, a partir dos materiais publicados neste livro digital, desde que atribuam o devido crédito aos autores e/ou autoras da publicação original.

Direção Editorial: Fabiana Grieco Cabral de Mello Vetritti e Rafael Vergili
Capa, projeto gráfico e diagramação: Karollinne Levy
Revisão: autores, autoras, organizadores e organizadoras
Imagens das páginas temáticas: www.pexels.com
Organizadores: Jacks Andrade, Karollinne Levy, Patricia Teixeira, Paulo Giraldi e Roberta Scheibe

Editores Executivos (Formação)
Profa. Dra. Fabiana Grieco Cabral de Mello Vetritti (USP)
Prof. Dr. Rafael Vergili (USP)

Conselho Editorial (Formação/Vínculo)
Profa. Dra. Amanda Luiza dos Santos Pereira (UMESP/UNIP)
Prof. Dr. Alan Queiroz da Costa (USP/UPE)
Profa. Dra. Cláudia Maria Arantes de Assis (UMESP/UNIFAP)
Profa. Dra. Eliana Nagamini (USP/Faculdade de Tecnologia São Paulo do CEETPS)
Prof. Dr. Jefferson Ferreira Saar (UMESP/UNIFAP)
Prof. Dr. Paulo César da Silva Teles (USP/Unicamp)
Prof. Dr. Paulo Vitor Giraldi Pires (UnB/UNIFAP)
Profa. Dra. Roberta Scheibe (UFC/UNIFAP)
Prof. Dr. Rodrigo Daniel Sanches (USP/Unimetrocamp)
Dra. Rose Mara Vidal de Souza (UMESP/UEMG/UFES)
Prof. Dr. Nelson José Urssi (USP/Centro Universitário Senac)

Editora Emeritus
São Paulo – SP – Brasil
www.editoraemeritus.com.br
e-mail: contato@editoraemeritus.com.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....11
À beira do curto-circuito: para onde caminha a mídia na Era da Geração Streaming?

Luciana Miranda Costa

APRESENTAÇÃO.....22

Patrícia Teixeira

JORNALISMO.....25

CAPÍTULO 1.....26
Estilo Longform e a Narrativa Não Linear: O Jornalismo Digital no Século XXI

Beatriz de Melo Castro
Edenilson Mendes
Luan Coutinho
Maria Paula Silveira Sousa
Thiago Felipe Nunes de Freitas
Cláudia Maria Arantes de Assis

CAPÍTULO 2.....53
Inbound Marketing e as Novas Práticas do Jornalismo

Antonio Lucas Pontes Costa
Patrícia Teixeira

CAPÍTULO 3.....79
Uma Análise de Como é Feito o Clipping Jornalístico em Macapá – AP

Alex da Mota Serrão
Jacks Andrade

SUMÁRIO

CAPÍTULO 4.....115
A Profissão do Jornalista no Decorrer do Tempo: Um Olhar sobre o Mercado de Macapá – AP

Ana Caroline Andrade de Abreu
Jacks de Mello Andrade Junior

CAPÍTULO 5.....144
Princípios Deontológicos na Imprensa Amapaense: o Veterinário Condenado pela Mídia

Amanda Bastos
Railana Pantoja
Paulo Giraldi

CAPÍTULO 6.....172
Ética e Jornalismo: Estudo de Caso da Veiculação de Notícias sobre Suicídio no Amapá

Anita Flexa Rodrigues
Karina Michelle dos Santos Lins
Paulo Giraldi

RÁDIO.....196

CAPÍTULO 7.....197
Panorama das Rádios FM de Macapá

Anézia Maria Brito Lima
Beatriz de Melo Castro
Benedita Monte da Costa
Maria Paula Silveira Sousa
Thiago Felipe Nunes de Freitas
Rafael Wagner dos Santos Costa

SUMÁRIO

EDUCOMUNICAÇÃO.....223

CAPÍTULO 8.....224
Perspectivas das Práticas de Educomunicação na Faculdade Estácio de Macapá

Juliana Sena Alves
Jacks Andrade

FILMES E SÉRIES.....252

CAPÍTULO 9.....253
Análise dos Signos na Construção do Antagonista Poindexter à luz da 2ª Tricotomia Peirceana

Leandro Bezerra
Edenilson Mendes
Luan Coutinho
Rafael Wagner dos Santos Costa

CAPÍTULO 10.....286
Análise da Série Black Mirror: Por Que as Pessoas se Importam Tanto com a Vida Virtual?

Antonio Lucas Pontes Costa
Ana Paula Vilhena da Silva
Diego Balieiro Pereira
Lana Caroline Santos Silva
Mauro Araújo da Costa
Cláudia Maria Arantes de Assis

SUMÁRIO

CAPÍTULO 11.....304
Cultura Participativa: Análise Fílmica das Inovações Tecnológicas no Processo de Comunicação

Anézia Maria Brito Lima
Benedita Monte da Costa
Jomar da Conceição Magalhães Júnior
José Eduardo Lima de Vasconcelos
Vithória Cristina Borges Barreto
Cláudia Maria Arantes de Assis

CAPÍTULO 12.....336
Experiência Colateral e a Formação do Indivíduo: Fahrenheit 451

Anézia Maria Brito Lima
Beatriz de Melo Castro
Benedita Monte da Costa
Thiago Felipe Nunes de Freitas
Rafael Wagner dos Santos Costa

JORNALISMO

CAPÍTULO 4

A Profissão do Jornalista no Decorrer do Tempo: Um Olhar sobre o Mercado de Macapá – AP

Ana Caroline Andrade de Abreu
Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da Faculdade Estácio de Macapá
E-mail: carolineandrade966@gmail.com

Jacks de Mello Andrade Junior
Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Amapá. Possui Pós-Graduação Lato Sensu em nível de especialização em Gestão da Comunicação e Marketing Institucionais, pela Universidade Castelo Branco e Exército Brasileiro (2008), com chancela da UNESCO. Graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Viçosa (2005). Coordenador e professor na Faculdade Estácio de Macapá, nos cursos de graduação em Jornalismo e em Publicidade e Propaganda, professor no curso de pós-graduação em Comunicação e Marketing em Mídias Digitais e no curso de pós-graduação em Docência e Gestão do Ensino Superior. Orientador do trabalho. E-mail: jacksandrade@gmail.com

Resumo

A profissão do jornalista passou por inúmeras transformações, principalmente nos processos de comunicação e veiculação de notícias. O presente artigo busca mostrar uma nova visão sobre o assunto que poderá causar reflexão para estudantes de jornalismo, jornalistas e a sociedade. Dessa forma, as pessoas poderão compreender como a internet alterou as rotinas e as práticas jornalísticas e até a questão salarial no decorrer dos anos. Os resultados encontrados durante a pesquisa tiveram como objetivo apresentar as funções que os jornalistas amapaenses exercem diariamente, coletando depoimentos e recomendações do conjunto de questões relativas ao perfil do jornalista no exercício da profissão através de um vídeo documentário na cidade de Macapá-AP.

Palavras-chave: Jornalismo. Práticas Jornalísticas. Internet. Jornalista. Macapá.

Abstract

The journalist's profession has undergone countless transformations, mainly in the communication and news broadcasting processes. This article seeks to show a new vision on the subject that may cause reflection for journalism students, journalists and society. That way, people will be able to understand how the internet has changed journalistic routines and practices and even the issue of wages over the years. The results found during the research aimed to present the functions that Amapá journalists perform

daily, collecting testimonials and recommendations from the set of questions related to the profile of the journalist in the exercise of the profession through a documentary video in the city of Macapá-AP.

Keywords: Journalism. Journalistic Practices. Internet. Journalist. Macapa.

Introdução

Ao longo do tempo, as transformações ocorridas na comunicação influenciaram profundamente os processos de comunicar, interferindo, inclusive, na produção de notícias e, consequentemente, na própria profissão de jornalista. Observa-se que as novas tecnologias criaram uma forma de consumo adaptada à cultura de convergência midiática.

O presente artigo origina-se de pesquisa realizada durante a Graduação em Jornalismo, na disciplina Projetos Experimentais em Comunicação, no quinto semestre de 2018. A referida pesquisa acompanha a realização do produto jornalístico vídeo documentário sobre a profissão do jornalista no decorrer do tempo. O documentário retrata os desafios, as modificações na rotina jornalística, os benefícios e as dificuldades que esse profissional enfrentou desde o final do século XIX, até os dias de hoje, na cidade de Macapá-AP.

Esta pesquisa busca investigar, conhecer a vivência, a percepção e a opinião dos jornalistas em relação à profissão na atualidade, utilizando os modos reflexivos e expositivos. Assim, pode-se retratar uma visão da realidade por meio de arquivos históricos, imagens, entrevistas com pessoas envolvidas e outros recursos.

Em termos gerais, a questão que norteou essa pesquisa foi: "Como um vídeo documentário pode contribuir para a análise da situação da profissão do jornalista que crescentemente vem acumulando funções e tendo uma desvalorização do seu trabalho em Macapá?". O objetivo principal foi responder à pergunta norteadora e os objetivos específicos foram de apresentar as funções que os jornalistas amapaenses exercem diariamente, coletar depoimentos dentro do vídeo documentário de profissionais e recomendações do conjunto de questões relativas ao perfil do jornalista no exercício da profissão.

Seguindo essa linha, a realização do presente trabalho se justifica em mostrar uma nova visão sobre o assunto que poderá causar reflexão para estudantes de jornalismo, jornalistas e a sociedade. Dessa forma, poderão compreender como a internet, transformou as rotinas e as práticas jornalísticas e até a questão salarial no decorrer do tempo.

Quanto à metodologia do estudo, foi realizada pesquisa de caráter qualitativa com realização de entrevistas para conhecer mais sobre a atuação do jornalista no mercado de trabalho, fatores que levaram o indivíduo a escolher a profissão, visão sobre a questão salarial, impacto da internet na rotina jornalística e recomendações a respeito da profissão do jornalista.

O projeto teve a elaboração de um roteiro que se assemelha à pauta jornalística, fazendo o planejamento da coleta de dados para o trabalho prático, entrevistas com jornalistas, professores e estudantes de jornalismo. Como recursos técnicos foram utilizados gravadores, câmeras fotográficas e programas de edição para a realização do produto jornalístico.

Observa-se que a classe dos jornalistas na cidade de Macapá ainda é muito desvalorizada. Atualmente, o profissional precisa ter mais de um emprego para alcançar uma condição financeira plausível para a categoria. Porém, por meio dos entrevistados, analisou-se a dedicação e o compromisso com a notícia para a sociedade, que superam as inúmeras dificuldades que são postas diariamente na rotina e prática jornalísticas.

Figura 1 – Documentário "A profissão do jornalista no decorrer do tempo"

Fonte: Vídeo documentário realizado em 15/06/2018 e disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ONPVBap-Vns&t=282s

O jornalista e a evolução da imprensa

Durante séculos, o jornalismo foi visto como uma prática profissional que não exigia formação universitária especializada. Desse modo, não se refletia sobre a profissão. Segundo os pesquisadores Brumatti e Sampaio (2017), a retirada do poder da Igreja Católica fez com que o desenvolvimento do jornalismo começasse a ganhar forças no mundo.

Para Figaro et. al. (2013, p 147):

> [...] a necessidade social da informação produziu a necessidade do jornalismo que assumiu, a partir de então, papel de divulgador de conhecimento e funcionou como espaço de liberdade democrática, servindo como mediador da sociedade contemporânea.

Beltrão (2006) traz um relato interessante da história. Segundo o autor, as *actas diurnas* são consideradas as primeiras formas de comunicação jornalísticas no mundo. Elas eram publicações oficiais do governo que informavam a população. É interessante notar a força e o poder da oralidade na Idade Média, e até o século XI. Após esse período, houve uma grande revolução sobre à cultura oral, no qual a escrita se tornou um instrumento importante no período do Renascimento.

Seguindo o pensamento do autor, outro marco importante na história da comunicação foi a invenção da imprensa, pelas mãos do alemão Johann Gutenberg no século XV. Anos depois, a facilidade do acesso a livros pela Europa foi mais constante devido à impressão e o consumo em massa, que fez surgir os primeiros jornalistas ou pessoas que exerciam a atividade de comunicação na época.

Traquina (2005) indica que o Jornalismo ganhou forças no século XIX com a intensificação dos meios de comunicação através da expansão dos jornais que geraram empregos e dedicação integralmente dessa atividade.

Fases do Jornalismo

O Jornalismo de hoje passou por profundas evoluções no decorrer do tempo que ficaram marcadas na história. Os avanços tecnológicos modificaram a maneira de produzir essa atividade. O livro de Marcondes Filho (2009) indica a divisão do Jornalismo em quatro fases.

Na primeira fase, designada de primeiro jornalismo (1789 a 1830), Marcondes Filho (2009) conta que até a metade do século XIX, o jornalismo tinha características de conteúdo literário e político, do qual os jornais realizavam propagação política com textos críticos. Para o autor, os jornalistas, naquele tempo, eram políticos e os veículos de comunicação eram uma maneira de alcançar os eleitores.

> A mudança no século XVIII para o XIX foi marcada pela Revolução Industrial na Inglaterra, primeiro com o surgimento da máquina a vapor e, 100 anos mais tarde, com o desenvolvimento da eletricidade. A partir desses eventos, o trabalho humano foi substituído por máquinas: mudaram as relações entre capital e trabalho e surgiu a cultura de massa. A concorrência abriu espaço para a publicidade e as empresas jornalísticas começaram a se consolidar, mudando o perfil do leitor e do jornalista. (FIGARO et. al., 2013, p. 148)

Após a evolução tecnológica, Marcondes Filho (2009) aponta que a segunda fase foi marcada pela circulação dos jornais no período de 1830 a 1900. As empresas capitalistas começavam a ter lucro em produzir notícias privilegiando fatos e não opiniões. Nesse momento, inicia-se a profissionalização dos jornalistas.

> Durante o século XIX, o jornalismo foi se aprimorando e se profissionalizando, surge então, a redação como um setor específico, diretor e editor tornam-se funções distintas. Com isso, o jornalismo deixando de ser um instrumento dos políticos para ser um órgão político vai deixando de ser um instrumento dos políticos para ser um órgão político. (SAMPAIO; BRUMATT, 2017, p. 3)

Na terceira fase (1900 a 1960), o fazer jornalismo só teve vantagens por conta de guerras e pelos governos fascistas do século XX. Nesse sentido, percebe-se o desenvolvimento da indústria publicitária e o avanço dos profissionais de relações públicas, além de fortes grupos e editoriais que centralizavam o mercado do jornalismo (MARCONDES FILHO, 2009).

A partir de 1960, é definida a quarta fase do jornalismo: o início de uma era tecnológica, velocidade na transmissão de informações, valorização do visual e mudança das funções do jornalista.

> Dentro dessa nova orientação do jornalismo, assuntos associados ao curioso, ao insólito, ao imageticamente impressionante ganham mais espaço no noticiário, que deixa de ser 'informar-se sobre o mundo' para ser 'surpreender-se com pessoas e coisas'. (MARCONDES FILHO, 2009, p. 37)

Desde os primórdios da comunicação, a prática jornalística esteve atrelada à evolução da sociedade humana. As práticas e os conceitos iriam se modificando conforme as transformações, em que o profissional estava sendo inserido (BRUMATTI e SAMPAIO, 2017).

O impacto provocado pelas tecnologias nas redações

A pesquisadora Chistofori (2006) ressalta que o advento da tecnologia chega para aumentar a interatividade entre os profissionais, empresas e o público. A forma de coletar, apurar e produzir notícias jornalísticas começa a ser repensada pelos jornais.

> O início dos anos 1990 ficou marcado pela instalação dos computadores nas redações e também gráficas [...], as inovações tecnológicas baratearam a produção e causaram profundas alterações nas funções do jornalista, que viu cargo e postos serem extintos. (FIGARO, 2013, p. 156)

A substituição da máquina de escrever pelos terminais de computadores revolucionou a maneira como os trabalhos jornalísticos eram realizados nos veículos de comunicação, a fim de ser mais prático e eficiente dentro das redações. Desse modo, a profissão de jornalista passou por um processo de transformação desde os princípios básicos para execução e produção de jornalismo.

> Neste mesmo período, uma mudança importante caracterizou os jornais. Formaram-se grandes grupos multimidiáticos, que substituíram gradualmente as empresas por uma só mídia. Assistiu-se à convergência dos setores das telecomunicações, da informática e de elaboração de conteúdos (CHISTOFORI, 2006, p. 29)

Na leitura de Resende (2008), observa-se que a utilização de computadores nas redações gerou novas práticas jornalísticas, como a introdução de elementos gráficos nas páginas dos jornais, além de transformações no planejamento das matérias e edições, para que o leitor pudesse consumir informações de uma forma mais prática e acessível.

> Passado este primeiro momento em que os computadores apenas substituíram as máquinas de escrever, a informatização das redações evoluiu juntamente com o desenvolvimento da informática, possibilitando mudan-

> ças mais profundas no cotidiano dos jornalistas. Com isso, a introdução dos computadores passou a ser caracterizada por alguns autores como a maior de todas as mudanças inseridas no jornalismo. (RESENDE, 2008, p. 14)

Segundo o pesquisador Rosa (2005), o primeiro jornal brasileiro a ter sua redação toda equipada e informatizada foi a Folha de S. Paulo, no início dos anos 1980. Nessa época, os jornalistas não eram habituados a essa nova realidade, pois eles estavam acostumados a utilizar a máquina de escrever nas atividades. Apesar do receio por parte dos profissionais no início, logo eles tiveram que se adaptar com os computadores por meio da digitalização.

> A redação informatizada trouxe outras consequências para o trabalho jornalístico. O jornalista não tem mais o domínio sobre o produto final de seu trabalho. A composição das redes e a estrutura cada vez mais hierarquizada da redação, fazem do jornalista um trabalhador solitário. O grande volume de informações disponíveis e a dinâmica de sua circulação modificam a distribuição do trabalho jornalístico em suas várias etapas, constituindo uma nova cadeia de procedimentos. (ROSA, 2005, p. 20-21)

Nesse período, ressalta-se a demissão em massa de profissionais que não conseguiram se adequar às novas exigências impostas pelas empresas de comunicação. “Outro fato

importantíssimo é a eliminação de funções, o extermínio de ofícios. No caso do jornalismo, categorias inteiras acabaram desaparecendo, a exemplo de digitadores, revisores e arte-finalistas" (ROSA, 2005, p. 26).

Pode-se afirmar, com base nos autores já citados neste artigo, que o trabalho jornalístico sempre esteve atrelado à tecnologia. Desde os primórdios do surgimento da comunicação no mundo e conforme passasse os anos, as mudanças são constantes. Por isso, a partir do final do século XX, mais um momento de mudanças na área do jornalismo: o surgimento da internet.

O desenvolvimento da internet e suas transformações no Jornalismo

Conforme os estudos de Ferrari (2003), o marco inicial da Internet no mundo foi em 1969, quando uma organização chamada de *Advanced Research Projects Agency* (Agência de Pesquisa e Projeto Avançados – Arpa), do Departamento de Defesa norte-americano responsável por serviços militares, elaborou uma rede nacional de computadores, a *Arpanet*, a qual era utilizada para garantir comunicação de emergência caso os Estados Unidos fossem atacados por outro país.

> Em 1986, a National Science Foundation (NSF – Fundação Nacional de Ciência fez uma significativa contribuição para a expansão da Internet, quando desenvolveu uma rede conectava pesquisadores de todo o país por meio de grandes centros de informática e computadores. Foi chamada de NSFNET. (FERRARI, 2003, p. 16)

No final dos anos 80, observa-se, por meio dos relatos da autora Pollyana Ferrari (2003), que inúmeros computadores já estavam conectados, principalmente em laboratórios e centros de pesquisa para que os pesquisadores conseguissem evoluir com essa ferramenta. Anos mais tarde, a evolução de hardwares e softwares fez com que a World Wide Web (Rede de Abrangência Mundial) fosse criada com base em conhecimentos de sistemas de recursos para a Internet.

> Em 1990, mesmo ano em que o Brasil passou a conectar-se com a rede mundial de computadores, ao lado da Argentina, Áustria, Belgica, do Chile, da Grécia, Índia, Irlanda, Coreia, Espanha e Suiça, a *Arpanet* foi formalmente encerrada. Nascia então a Internet, compreendendo 1.500 sub-rede e 250 mil hosts, pronta para entrar e fazer parte da vida das pessoas comuns. (PINHO, 2003, p. 31)

Hoje, com os avanços tecnológicos e o advento da Internet, as práticas e as técnicas do jornalismo estão passando por um processo

de renovação, no qual os profissionais da comunicação convivem com um maior espaço de circulação de informação, em que os jornalistas devem se adequar às características específicas dessa mídia online como: não-linearidade, instantaneidade, receptor ativo e interatividade (PINHO, 2003).

> Portanto, o jornalismo digital diferencia-se do jornalismo praticado nos meios de comunicação tradicionais pela forma de tratamento dos dados e pelas relações que são articuladas com os usuários. Por sua vez, sendo a Internet uma mídia bastante distinta dos meios de comunicação tradicionais – televisão, rádio, cinema, jornal e revista -, jornalismo digital deve considerar e explorar a seu favor cada uma das características que diferenciam a rede mundial desses veículos. (PINHO, 2003, p. 58)

A Internet veio para auxiliar no processo de produção da prática jornalística e revolucionou na maneira como as informações chegam aos diferentes veículos de comunicação. Nesta era, a facilidade de escrever uma matéria é maior porque se pode pesquisar sobre determinado assunto antes, além dos contatos com as fontes ser mais rápido.

O jornalista na era digital

A chegada da Internet e a sua rápida proliferação teve um impacto em todas as esferas da sociedade e com o jornalismo não poderia ser diferente.

Para Pollyana Ferrari (2003, p. 39-40):

> [...] Os desafios do jornalismo digital estão sem dúvida relacionados à necessidade de preparar as redações, como um todo, e aos jornalistas em particular, para conhecer e lidar com essas transformações. Além da necessidade de trabalhar com vários tipos de mídia, é preciso desenvolver uma visão multidisciplinar, com noções comerciais e de marketing.

Por meio da utilização de computadores e *smartphones*, o acesso às informações se tornou mais fácil devido à velocidade que estão interligadas em rede. O filósofo francês Pierre Lévy (1999) explica em seu livro que ciberespaço é a ligação mundial de computadores e memórias em um espaço virtual que busca cooperar com a integração de informações. Por meio desse fenômeno, os usuários passam a criar conexões e relacionamentos em várias partes do mundo por meio da facilidade ao acesso de comunicação.

> A cada minuto que passa, novas pessoas passam a acessar a Internet, novos computadores são interconectados, novas informações são injetadas na rede. Quanto mais o ciberespaço se amplia, mais ele se torna "universal", e menos o mundo informacional se torna totalizável. (LEVY, 1999, p. 111)

Atualmente, o profissional deve saber trabalhar em inúmeras plataformas e com diferentes linguagens. "A necessidade de o jornalista ser *Multitask*[8] instantâneo se acentuou, de forma que é preciso realizar qualquer tarefa rapidamente e assumir muitas funções ao mesmo tempo" (Bona, 2017, p. 19). Escrever não é mais o suficiente. O profissional deve saber produzir todo o material que constará em sua matéria, além de entender sobre programas de edição de vídeo, fotografia e diagramação.

> O encolhimento do número de postos de trabalho em redações tradicionais e o aumento da carga horária dos jornalistas – resultado da 'crise' dos processos de convergência – vêm acompanhados de uma desregulamentação dos contratos trabalhistas. (PEREIRA et. al., 2011, p. 11)

8 Tradução dos autores: multitask significa multitarefas.

No momento, o jornalismo pede que os profissionais se tornem multimidiáticos e, segundo a autora Roseli Figaro (2013, p. 14): “essa polivalência tem sido buscada com investimento de tempo e recursos financeiros próprios. As organizações esperam encontrar o profissional pronto para contratar” (FIGARO, 2013, p. 14).

Em um mundo cada vez mais conectado, observa-se que “fatores como interatividade e união de mídias visuais e sonoras em um mesmo canal, fizeram da Internet, atualmente, a principal fonte de informação da população brasileira” (PEREIRA JÚNIOR, 2010 *apud* ANDRADE JUNIOR, 2019, p. 10).

Com a produção em massa de conteúdo na Web, o jornalista não precisa mais estar preso nas redações. Segundo a definição de Ferrari (2003), esse profissional pode se tornar ciberjornalista, aquele que cria e mantém um *blog* ou *site* e produz conteúdo.

Felipe Pena (2005, p. 177) ressalta que “portais, *websites* e *blogs* descentralizam a informação. Estes últimos, pela facilidade do acesso, vêm formando os medalhões do jornalismo que os americanos chamam pejorativamente de jornalista de pijama”.

O jornalista da atualidade vivencia um momento de indefinição, devido às pressões

das novas tecnologias e ao surgimento de novas áreas dentro do jornalismo. Além do mais, agora ele precisa saber lidar com a participação do público na construção de notícias (PEREIRA et. al., 2011).

O surgimento do documentário

O primeiro registro desse ato cinematográfico foi em 1895, com os irmãos Lumière, no Café Paris. A câmera não possibilitava movimentos, mas registrava 24 quadros por segundo do cotidiano e, assim, os irmãos iniciaram sessões de filmes como: “A saída da Fábrica”, “O almoço do bebê”, “O desembarque para o congresso de fotografia em Lyon” (LUCENA, 2012).

Segundo Lucena (2012), a linguagem de documentário que é conhecida hoje surgiu em 1920, após Robert Flaherty visitar uma comunidade de esquimós no Norte do Canadá e criar o primeiro filme de não ficção, “Nanook, o esquimó”. O termo documentary (documentário) foi utilizado pela primeira vez pelo produtor Jhon Grierson, em 8 de fevereiro de 1926, quando fez uma crítica escrita no New York Sun, dos filmes de “Nanook” e “Moana”, de Flaherty, que os inspiraram.

Muitos conceitos teóricos foram formulados para definir o documentário. Ainda de acordo com o conceito clássico, desenvolvido por Grierson, após ter assistido aos filmes de Robert Flaherty: "*o documentário é o tratamento criativo da realidade (ou atualidade, para alguns)*" (LUCENA, 2012, p. 7, grifo do autor).

Documentário no Brasil

No início do século XX, as produções eram realizadas por estrangeiros, europeus, geralmente fotógrafos que se converteram em cinegrafistas. Eles viajavam pelo país em busca de temáticas regionalistas, mostrando as belezas, costumes e tradições das diferentes regiões (GONÇALVES, 2006).

> No moderno documentário brasileiro surgido nos anos 60, a temática exótica das florestas e seus povos dá lugar a uma temática que busca refletir sobre o subdesenvolvimento do país e a desigualdade social. Surgem alguns filmes que irão antecipar questões estéticas caras à formação do movimento do cinema novo. Paulo César Saraceni dirige, em conjunto com Mário Carneiro, o pioneiro Arraial do Cabo, de 1959. No ano seguinte, Linduarte Noronha dirige Aruanda, um marco do cinema documental brasileiro. (GONÇALVES, 2006, p. 82)

Tipos de documentário

De acordo com o autor Bill Nichols (2010), existem seis principais tipos de documentários. Os modos são: poético, expositivo, observativo, reflexivo, participativo e performático.

O modo poético

As imagens e sensações são mais importante e prevalecem sobre o discurso verbal. Segundo o autor, esse tipo de documentário tem uma "ideia de localização muito específica no tempo e no espaço derivada dela, para explorar associações e padrões que envolvem ritmos temporais e justaposições espaciais" (NICHOLS, 2010, p. 135).

O modo expositivo

Ao contrário do poético, o modo expositivo valoriza o comentário verbal e a linguagem argumentativa. Esse modo "dirige-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história" (NICHOLS, 2010, p. 142).

O modo observativo

Nichols (2010, p. 148) ressalta que o documentário observativo "propõe uma série de considerações éticas que incluem o ato de observar os outros se ocupando de seus afazeres".

O modo reflexivo

É o tipo de documentário que faz o espectador refletir sobre o assunto abordado. Apresenta mais um conceito, "nós agora acompanhamos relacionamento do cineasta conosco, falando não só do mundo histórico como também dos problemas e questões da representação" (NICHOLS, 2010, p. 162).

O modo participativo

Para Nichols, o modo participativo é quando o cineasta participa do documentário, seja por meio da narrativa ou realizando entrevistas. "O pesquisador vai para o campo, participa da vida de outras pessoas, habitua-se, corporal ou visceralmente, à forma de viver em um determinado contexto e, então, reflete sobre essa experiência" (NICHOLS, 2010, p. 153).

O modo performático

Os documentários performáticos têm características subjetivas e afetivas, o que faz o documentarista responder seus próprios questionamentos durante o filme. “É um desvio da ênfase que o documentário dá à representação realista do mundo histórico para licenças poéticas, estruturas narrativas menos convencionais e formas de representação mais subjetivas” (NICHOLS, 2010, p. 170).

Vídeo documentário “A profissão do jornalista no decorrer do tempo”: descrição do produto jornalístico.

O Documentário produzido é formado por cinco trilhas sonoras, offs, cenas de insert. Para chegar na resposta da pergunta que norteou essa pesquisa de “Como um vídeo documentário pode contribuir para a análise da situação da profissão do jornalista que crescentemente vem acumulando funções e tendo uma desvalorização do seu trabalho em Macapá?”, foi necessário entrevistar dez jornalistas, entre eles: assessor de comunicação, repórteres, apresentador, *digital influencer*, supervisor de mídias digitais, radialistas, editor-chefe de jornalismo impresso e de televisão, no período de 15 de maio a 10 de junho de

2018. Além de também entrevistar estudantes de jornalismo da instituição pública e privada e uma pesquisadora na área da Comunicação.

O tema surgiu nas aulas da disciplina Projetos Experimentais em Comunicação, cursadas no quinto semestre da Graduação em Jornalismo, que promoveram reflexão sobre as transformações na rotina e nas práticas que o jornalismo enfrentou ao longo dos séculos. Dessa forma, traçou-se a delimitação do tema, objetivos e metodologias. O modo escolhido para o documentário foi o expositivo, que se dirige ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento, e o modo reflexivo para acompanhar o relacionamento dos entrevistados, falando não só da história como também dos problemas e das questões de representação.

O objetivo da pesquisa foi o de comparar como era a profissão nos séculos passados e atualmente com a participação dos jornalistas de diferentes funções e de diversos meios de comunicação de Macapá como: Rádio, Televisão, Jornal Impresso e Internet. Após esta etapa, criou-se um roteiro, para apurar as informações relativas ao tema, por meio de pesquisa de campo, o que permitiu trocar experiências com profissionais que já estão no

mercado de trabalho e incentivar para continuar os estudos na área de Jornalismo, objetivando uma melhor valorização profissional da categoria no Estado do Amapá.

Considerações Finais

Os resultados desta pesquisa possibilitaram alcançar o objetivo geral proposto, que é o de demostrar, a partir de um vídeo documentário, a análise da situação da profissão do jornalista, que crescentemente vem acumulando funções e tendo uma desvalorização do seu trabalho em Macapá.

Além disso, também foi possível atingir os objetivos específicos e apresentar as funções que os jornalistas amapaenses exercem diariamente. Coletar depoimentos dentro do vídeo documentário de profissionais e recomendações do conjunto de questões relativas ao perfil do jornalista no exercício da profissão.

Com isso, é voltada a finalização do trabalho à pergunta de pesquisa feita no início, “Como um vídeo documentário pode contribuir para análise da situação da profissão do jornalista que crescentemente vem acumulando funções e tendo uma

desvalorização do seu trabalho em Macapá?" e, pode-se dizer, seguindo a abordagem qualitativa, que a profissão do jornalista ainda é muito desvalorizada. O profissional não tem o apoio necessário para se manter em apenas um emprego, não existe campanhas de valorização da classe e os Jornalistas não recebem o amparo do Sindicato como deveria.

Com base nesse cenário, também foram observadas as inúmeras transformações que a Internet causou nas rotinas e práticas jornalísticas nos diversos veículos de comunicação, bem com novas possibilidades de atuação no mercado de trabalho. Houve benefícios na velocidade das informações, porém qualquer cidadão tornou-se um "Jornalista" em potencial nessa nova era digital. As notícias falsas são mais frequentes, comprometendo até credibilidade do trabalho jornalístico na maioria dos casos.

Dessa forma, ressalta-se que a pesquisa buscou fazer um retrato científico sobre a profissão do jornalista no decorrer do tempo. São apresentadas respostas com levantamentos verdadeiros, chegando-se ao entendimento de que estudos como este são importantes para jornalistas, estudantes de jornalismo e a sociedade refletirem sobre os aspectos referentes ao campo desta profissão.

Espera-se, portanto, que a presente pesquisa sirva como ponto de partida para outros estudos na área do Jornalismo.

Referências

ANDRADE JUNIOR, J. M. Comunicação, desenvolvimento e democracia: relações e reflexões necessárias. **Revista PANORAMA**. Goiânia, v. 9, n. 1, p. 07-11 jan/jun. 2019. ISSN 2237-1087. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/view/7401/4185>. Acesso em: 10 mar. 2020.

BELTRÃO, L. **Teoria e prática do jornalismo**. Adamantina: FAI; São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2006.

BONA, N. C. **Jornalismo na sociedade**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2017.

BRUMATTI, V. P.; SAMPAIO, B. P. Um breve estudo exploratório a respeito da evolução do jornalismo. In: XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2017, Volta Redonda/RJ. **Anais...**. São Paulo/SP: Intercom, 2017. v. 1. p. 1-10.

CHISTOFORI, E. C. **O jornalismo do futuro**: o processo de comunicação do jornalismo digital. Juiz de Fora: UFJF, FACOM, 1.sem.2006. 88 folhas. Projeto Experimental da Faculdade de Comunicação Social. Disponível em: <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/ECChistofori.pdf>. Acesso em: 20 out.2019.

FERRARI, P. **Jornalismo Digital**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

FIGARO, R. et al. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Atlas, 2013.

GONÇALVES, G. S. **Panorama do documentário no Brasil**, 2006. Disponível em <http://www.doc.ubi.pt/01/artigo_gustavo_soranz_brasil.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2018.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUCENA, L. C. **Como fazer um documentário**: conceito, linguagem e prática de produção. São Paulo: Summus Editorial, 2012.

MARCONDES FILHO, C. **Ser jornalista - O desafio das tecnologias e o fim das ilusões**. São Paulo: Paulus, 2009.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papirus Editora, 2010.

PENA, F. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

PEREIRA, F. H et al. **O jornalismo em tempo de mudanças estruturais**. 20f. Artigo. Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

PINHO, J. B. **Jornalismo na Internet**: planejamento e produção da informação on-line. São Paulo: editora Summus, 2003.

ROSA, V. G. **O impacto das tecnologias nas redações**: como a informatização modificou a rotina profissional dos jornalistas. Juiz de Fora, 2005. Disponível em: <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/VGRUPPI.pdf>. Acesso em: 20 out. 2019.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.

EDITORA
EMERITVS

www.editoraemeritus.com.br